

Deus pode construir uma obra de arte inclusive a partir dos escombros do nosso coração – cada um de nós sabe, conhece os escombros do próprio coração –; inclusive a partir dos pedaços arruinados da nossa humanidade, Deus prepara uma história nova. Ele sempre nos precede: na cruz do sofrimento, da desolação e da morte, bem como na glória duma vida que ressurge, duma história que muda, duma esperança que renasce.

Papa Francisco, *Homília na Vigília Pascal*, 3 de abril de 2021.



Boletim de Espiritualidade

1 ABRIL 2022
Ano IX Nº 94

94



Agenda abril 2022

- 1 a 3 **Fátima** (Domus Carmeli) – XXI RUMOS ☞
- 1 a 3 **Ávila** (CITeS) – Falar de Deus hoje? Ateísmo e mística ☞
- 4 **Fátima** (Santuário) – Recolecção: Ir.ª Olinda Pereira Rodrigues, FI ☞
- 5 a 13 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais ☞
- 7 a 10 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais ☞
- 8 **Braga** (Casa de Soutelo) – Pausas para Deus ☞
- 8 a 10 **Braga** (Casa de Soutelo) – Pausas para Deus ☞
- 8 a 10 **Fátima** (Santuário) – Retiro: Escola do Santuário ☞
- 8 a 13 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais ☞
- 22 a 24 **Ávila** (CITeS) – Curso superior em S. João da Cruz: *Noite escura* ☞
- 22 a 25 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais ☞
- 23 **Fátima** (Santuário) – XVII Jornada de Espiritualidade Reparadora (Cón. Formigão) ☞
- 23 **Viana do Castelo** (Carmo) – Retiro de Tempo Pascal: *Tempo de misericórdia* – P. Marco Caldas, OCD ☞
- 27 **Torres Novas** – Sessão do Ciclo de Conferências em Família ☞
- 28 e 29 **Fátima** (Santuário) – III Jornadas de Comunicação do Santuário de Fátima O Mundo visto de Fátima, no contexto do centenário do jornal Voz da Fátima ☞
- 29 a 1 mai **Braga** (Casa de Soutelo) – Eneagrama I ☞
- 29 a 1 mai **Braga** (Casa de Soutelo) – Uma pausa para contemplar e orar com a criação ☞
- 29 a 1 mai **Fátima** (Domus Carmeli) – Fim-de-semana com Santa Isabel da Trindade: *Aprendizes do Amor de Deus* – Fr. Francisco Braguês ☞

Agenda maio 2022

- 2 **Fátima** (Santuário) – Recolecção: Ir.ª Sandra Bartolomeu, SNSF ☞
- 5 a 8 **Braga** (Casa de Soutelo) – Pausas para Deus ☞
- 6 a 8 **Avessadas** – *Workshop* de oração – Fr. André Morais ☞
- 6 a 8 **Braga** (Casa de Soutelo) – Logoterapia e análise existencial ☞

- 6 a 8 **Fátima** (Domus Carmeli) – 4º Módulo da Escola de Oração ☞
- 6 a 8 **Ávila** (CITeS) – Congresso mundial: espiritualidade e mística em Edith Stein ☞
- 8 **Fátima** (Santuário) – II Encontro na Basílica ☞
- 10 **Porto** (Centro Cultura Católica) – Conferência: *Transmitir e receber a fé em família* – Secretariado Diocesano da Pastoral Familiar ☞
- 12 a 15 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais ☞
- 13 a 15 **Braga** (Casa de Soutelo) – Retiro para casais ☞
- 13 a 15 **Fátima** (Santuário) – O Rosário, itinerário evangélico de vidateológico. Mistérios gloriosos (no Tempo Pascal) ☞
- 14 e 15 **Braga** (Casa de Soutelo) – Fim de semana para noivos ☞
- 19 a 22 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais ☞
- 19 a 27 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais ☞
- 20 a 22 **Avessadas** – Encontro com Santa Teresa e o livro que muda vidas – P. Vasco Nuno ☞
- 20 **Braga** (Casa de Soutelo) – Rezar com os ícones ☞
- 26 a 29 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais ☞
- 27 a 29 **Braga** (Casa de Soutelo) – Retiro de silêncio ☞
- 27 a 29 **Braga** (Casa de Soutelo) – Pausas para Deus ☞
- 28 **Braga** (Casa de Soutelo) – Ver novas todas as coisas em Cristo ☞
- 28 **Fátima** (Santuário) – *Via Mariae*. Uma experiência contemplativa para jovens ☞
- 28 **Viana do Castelo** (Carmo) – II Jornada com Teresa de Jesus: *A porta para entrar no teu castelo é a oração* – P. Vasco Nuno, OCD ☞
- 30 a 2 jun **Braga** (Casa de Soutelo) – Há gente que me dá cabo da vida I ☞



«Não vim trazer a paz mas a espada!»

Armindo Vaz, OCD

Quem unilateralmente declara guerra a pessoas ou a um povo não é genial. Carecido da força da razão, só tem, para mostrar, a razão da força agressora. A sua força consiste em mandar para a guerra outros que a façam em seu nome, sem ele próprio se expor à violência dela. Cobarde inqualificável de quem não quer correr riscos, nem manchar as mãos de sangue, nem enfrentar os inocentes; manda outros matá-los! Nunca será herói, apoucado pela fantasia burlesca de engrandecer à custa de aniquilar milhares de pessoas. Não percebe em que sentido caminha a história humana, que só pode caminhar para a paz universal. Está ultrapassado pela história. Pretende fazê-la recuar aos tempos que não se podem repetir. Sim, ganhará mais uns quilómetros de território para a sua geoestratégia delirante. Mas “que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma/vida?” (Mc 8,36). Esse “homem” ganha também e atrai o ódio sem fim de todos aqueles a quem não tem escrúpulo de roubar a vida. Mais vantajoso lhe seria construir a paz e a prosperidade entre aqueles que depois o coroariam de glória. Se procura fama, a guerra monstruosa fará que seja recordado só pelo mal, mesmo que tenha feito algum bem. Procura estátuas e honrarias? Poderá levantá-las, ele ou os seus cúmplices apaniguados, que a história encarregar-se-á de as derrubar.

Nem lhe serviria citar a palavra de Jesus em apoio das suas declarações mortíferas: “Não vim trazer a paz mas a espada!” (Mt 10,34). De facto, ela não o favoreceria. Contextualizada, significa que a sua mensagem suscitava divisão, discussões, reacções antagónicas e ódios: entre familiares que eram por ele e familiares que o rejeitavam, entre os que se identificavam com ele e os que nele viam um perigo para os próprios projectos diabólicos, entre os que o recebiam como embaixador de Deus e os que pensavam que ele lhes retirava a legitimidade para violentarem e injustiçarem as pessoas que conseguiam dominar, entre aqueles que percebiam que o supremo critério de acção é o bem incondicional do ser humano e aqueles que se serviam do ser humano para se servirem a si próprios. Dizendo que não veio trazer a paz mas a espada, queria dizer que, ou estamos do lado dele, isto é, do lado do amor, ou estaremos divididos e em conflito; queria dizer que, ou aceitamos que “vós sois todos irmãos” (Mt 23,8), ou então sempre encontraremos razões para nos guerrearmos. Jesus, sem querer, ocasionou tensões em virtude das escolhas que pede a quem quiser seguir o seu estilo de vida e o seu projecto de fraternidade universal. Mas é o mesmo Jesus que corrigiu o seguidor que tinha puxado da espada para o defender cortando a orelha a um funcionário do sumo-sacerdote: “Volta a pôr a tua espada no seu lugar, pois todos os que empunham a espada pela espada perecerão” (Mt 26,52). E é o mesmo Jesus que disse: “Deixo-vos a paz. Dou-vos a minha paz. Não vo-la dou como a dá o



mundo” (Jo 14,27). Ao declarar guerra à violência, à injustiça e ao abuso de poder contra o ser humano, granjeou ódios refinados, que atingiram desproporções assassinas: pagou na cruz pelos incómodos que causou aos políticos que estavam de turno.

Terá sido o maior estratega da história, preconizando uma história humana vencedora e sem perdedores, que oferece a felicidade a todos: “Felizes os mansos, porque herdarão a terra...; felizes os que fazem a paz, porque serão chamados filhos de Deus” (Mt 5,3-12). A sua poderosa e revolucionária geoestratégia não foi reconhecida pela maioria dos poderosos das nações desunidas: “Este é o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei”, isto é, dando a vida para que todos a estimem (Jo 15,12). Não se ficou pela proposta de uma sociedade da não-violência. Ousou preconizar o amor fraterno para as relações humanas. Porque deu a vida e se pôs ao serviço de todos, merece ser seguido. Aceitou activamente sofrer a violência em excesso da morte cruenta que rouba a vida jovem e inocente no patíbulo de uma cruz, para que os que o matavam descarregassem – em real representação de todos os violentos – toda a violência sobre ele e assim, depois dele, já não ser necessária mais violência mortífera de humanos contra humanos. Foi na cruz de Jesus que o seu Deus rejeitou decisivamente a violência humana e se identificou com as vítimas dela. Todas as manifestações de violência se quebram na imagem de Jesus crucificado, precisamente porque na cruz está cravado um homem que é imagem visível do Deus invisível. Na verdade, quando a violência mortífera é praticada dentro duma ala do cristianismo, este dá a impressão de que está por cumprir: renega as bem-aventuranças. A guerra aguça e extrema os sentimentos humanos, também as escolhas. Para as fazer, o cristão parte duma certeza: “Tendo sido justificados pela fé, temos paz com Deus por obra de nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 5,1).

Fim-de-semana com Santa Isabel da Trindade

Aprendizes do Amor de Deus



Na mudança de mais uma estação, em plena primavera, entre tantas incertezas e escuridões, os Carmelitas Descalços em Portugal promovem na *Domus Carmeli*, em Fátima, um fim de semana com Santa Isabel da Trindade entre os dias 29 de abril e 1 de maio. Através desta carmelita francesa e com o acompanhamento do Frei Francisco Maria, os participantes serão convidados a entrar na dinâmica do amor de Deus – o amor trinitário – a partir dos escritos espirituais de Isabel da Trindade. Em tempos de desamor, de guerras e de violência, somos convidados a ser aprendizes do Amor de Deus para irradiarmos, desde os nossos corações, um louvor de glória que revele o Céu na Terra. [🔗](#)

XI Jornada de Teologia Prática

Amizade Social: antíteses de um tema maior



A presente edição da Jornada de Teologia Prática subdivide-se em três sessões, respetivamente nos dias 26, 28 e 30 de abril, em formato digital. "Amizade Social: antíteses de um tema maior" é o tema desta iniciativa que a Faculdade de Teologia da UCP está a organizar e que irá privilegiar o ambiente digital, em regime de videoconferência. O evento terá como oradores Isabel Capelo Gil, Reitora da UCP, Alfredo Teixeira, Cátia Tuna, Pedro Falcão, João Alberto Correia, Inês Espada Vieira, Alex Villas Boas e Esther Lucas. [🔗](#)

17.ª Jornada de Espiritualidade Reparadora

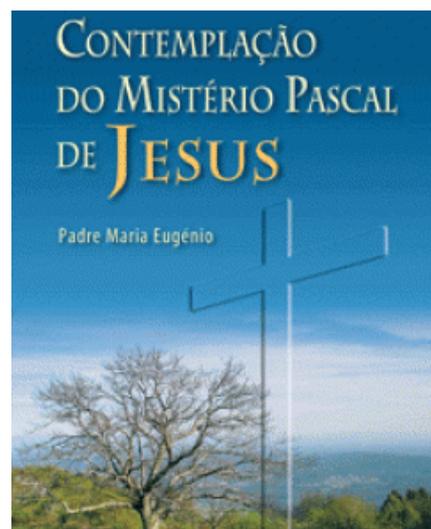
Padre Manuel Nunes Formigão



A partir da figura e missão do seu fundador, o padre Manuel Nunes Formigão, as Irmãs Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima anunciam para 23 de abril a 17.ª Jornada de Espiritualidade Reparadora, que colocará em evidência a espiritualidade da Congregação, "que procura viver o evangelho da misericórdia e da compaixão e oferecer todos os seus atos para consolar a Deus e reparar o mal que se faz no mundo". A Jornada terá a intervenção da superiora-geral da congregação, a irmã Ana Paula Teixeira, sendo apresentado depois o tema "Manuel Nunes Formigão e a espiritualidade de Fátima", por Marco Daniel Duarte. "Tenho muita pena de Nossa Senhora" é o tema da conferência do padre João Paulo Quelhas, onde vai abordar as novas perspetivas da espiritualidade de Santa Jacinta Marto. O reitor do Santuário de Fátima, padre Carlos Cabecinhas, apresentará o livro "Maria Santíssima na vida do Padre Formigão", da autoria de Mons. Arnaldo Pinto Cardoso, postulador da causa da Canonização do padre Manuel Nunes Formigão. [🔗](#)

Contemplação do mistério Pascal de Jesus

Padre Maria Eugénio



Toda a Liturgia da Semana Santa é uma oportunidade para o Padre Maria Eugénio penetrar no Mistério Pascal. Os textos apresentados neste livro são fruto das suas palestras proferidas em Notre Dame de Vie como homilias, meditações e via sacra. Toda a sua escrita brota espontaneamente da sua alma. O Padre Maria Eugénio foi um apaixonado por Cristo, pela Sua entrega e é com o entusiasmo de quem O vive intensamente que O dá a conhecer, nestas páginas, a quantos de nós O querem também viver.

Publicação: Edições Carmelo [🔗](#)

claustrO

A Sabedoria da Cruz. «Das quatro alas do meu claustro a que mais gosto é a da Sabedoria da Cruz. Talvez porque é a única que me permite olhar para a vida como um miradouro de graça. Quando falamos de Sabedoria da Cruz é disto que se trata: olhar para a vida desde um miradouro de graça», assim nos ensina a Irmã Sofia da Cruz no seu artigo. [🔗](#)

Peregrinos num mundo em mudança. Júlio Pereira alerta-nos para a importância de encontrarmos um sentido para a vida: «o caminho (a vida) torna-se mais nítido porque começamos a identificar os sinais, por vezes entre os arbustos meios escondidos ou já gastos». [🔗](#)

Uma porta para o interior! Isabela Neves, ensina-nos a entrar no Castelo com santa Teresa: «este Castelo tem para Teresa a beleza da interioridade que só pode ser transposto pela porta da oração». [🔗](#)

HÁ IRMÃOS? ERAM, DE FACTO, IRMÃOS?

Frei João Costa, OCD

1. A primeira oração que – no segredo do coração – o sacerdote reza na Missa deste domingo IV da Quaresma começa assim: «*Alegra-te, Jerusalém; rejubilai, todos os seus amigos*». Da primeira palavra desse convite sai o nome deste domingo: *Domingo Laetare*, Domingo Alegria-te.

Alegra-te porque já estamos às portas «*das festas que se aproximam*». Aliás, com o domingo de hoje inicia-se a segunda parte da Quaresma.

2. O que por estes dias está no horizonte litúrgico da Igreja é, pois, a proximidade da Páscoa e, por essa razão, rejubilamos, porque os exercícios quaresmais estão a terminar. Páscoa é sinónimo de libertação – é júbilo, portanto.

Impossível, por exemplo, não dar nota aqui de uma conversa que ouço na esplanada:

- Felizmente que este ano há Páscoa!
- Eu também já tinha saudades, sim.

Apuro o ouvido e apercebo-me que a «páscoa» de que ali falam é a «*Páscoa da Cónega*», ou melhor, para quem não é de Braga: a tradicional, popular e especialmente festiva visita pascal que, no dia de Páscoa, percorre aquela velha rua cá do burgo.

A Páscoa está aí, no horizonte, e ainda que falhe o melhor e mais assertivo entendimento, o povo anda ansioso por festa e pela Páscoa – imagino que pelo que supõe de renovação. Por enquanto, porém, cabe-nos continuar a travessia quaresmal que, para os efeitos que a nós nos interessa, muda agora de tom. A partir de amanhã – sim, à semana a Igreja também escuta o Evangelho, e não apenas ao domingo... – quase todas as leituras evangélicas são retiradas do de São João, porque o Quarto Evangelho está escrito para nos dar conta da oposição entre os judeus e Jesus, num processo de violência em crescendo que levará Jesus a tribunal e à condenação. Deus, porém, concluirá o Evangelho, ressuscitando-O, absolvê-lo-O-á.

Vemos, assim, que a Quaresma se parte em duas: a primeira é penitencial e clamor pela conversão, intensificação da oração e da esmola; a segunda centra-nos no mistério do mal que se traga a Cristo que, apesar da angústia da Paixão e Morte, se entrega por amor.

3. Resumindo: a Quaresma nem é meta nem nos retém em si, conduz-nos, sim, à Páscoa. E assim como os israelitas abandonaram o Egipto e chegaram à Terra Prometida, assim também nós peregrinamos para a Terra Prometida que é Cristo, para a Páscoa do Ressuscitado!

4. Estou, estamos, portanto, a meio caminhar quaresmal. E neste meio caminho o IV domingo aponta-nos ao coração, provavelmente, a mais célebre parábola de Jesus – a do pai e dois filhos. Digo bem, dois filhos, já que não irmãos. Parece-me.

Não recontarei aqui a parábola erroneamente conhecida por outro nome; não contarei, já que nada iguala o original.

A força das parábolas de Jesus vem-lhe do tecido múltiplo de sentidos e leituras que delas colhemos, sobrema-



neira desta. Habitualmente, nesta que hoje meditamos, o foco recai sobre o filho mais novo, e a conclusão é uma. Se, porém, nos focarmos no mais velho, evidenciam-se outros matizes. E se no velho pai, então as luzes são esplendidamente novas e renovadas.

Havia um pai com dois filhos. Só dois? Sim, só dois, sim. O mais novo e o mais velho. O mais novo agafanhou do pai a herança e partiu para longe; viveu ali à tripa forra, e depois de desbaratar honra, dinheiro e nome, regressou a casa apenas almejando salário de vassalo. Em casa ficara o mais velho com igual coração de vassalo que, ao ver o terno acolhimento do pai ao mais novo, se enciúma. E quem de nós, pobres criaturas, se não enciumaria?

Triste pai, o da parábola que Jesus hoje nos narra: não tem filhos, tem vassalos; de uma maneira ou de outra, ambos se comportam com ele como tais, jamais como filhos. Triste pai, tem amor de pai para dar a filhos e estes recusam viver de amor para bastar-se de salários e impostos. Triste pai de vassalos, ambos os filhos. Triste pai, não pai, mas chefe onzeneiro; tristes filhos, mas não irmãos.

Tristeza.

E para quando irmãos? Mas haverá irmãos neste mundo?

5. A verdade é que, olhando o mundo à nossa volta, vemos que a família humana continua partida a meio. Vendo e olhando, verificamos como é tão desafiador construir família, como é difícil encontrar gente capaz de perdoar, acolher, esquecer, abraçar e confiar em relações fraternas,

construtivas, generosas e altruístas. O que à nossa volta perdura e mais se impõe é um estilo de relações humanas que subsiste apoiado no proveito próprio, no conflito fratricida, no implosivo rancor mútuo.

(Naquela casa, um filho sai e esbanja tudo – como se a vida fosse só sorver e disfrutar, antes que a noite caia. E o outro fica; resta como servo melindrado e maldoso que se recusa a abrir os braços e o coração ao que, faminto, regressa só porque tem fome.)

Naquela casa nenhum filho soma, ambos dividem, ambos negam, ambos se excluem, ambos perdem. A regra é: quem mas faz, paga-as! E, de facto, no nosso mundo sempre existe alguém que não está disposto nem a perdoar nem a procurar compreender, que opte por punhos, braços e coração cerrados, e estique o dedo acusador como um punhal, pronto sempre a fazer da festa um permanente conflito, da mesa fraterna uma lide e um terçar de desrazões.

6. Olhando para o pai e aqueles dois filhos – vassalos, não colegas, e menos ainda irmãos –, o que ali mais brilha mesmo é o imenso coração bom do velho pai, coração doce, coração dorido, coração esperançoso, coração cansado de desejar a harmonia familiar, e o único disponível a perdoar ambos os filhos, o prófugo e o invejoso.

7. Magnífica lição de Pai Bom: o imenso amor seu tem para nós e em nosso favor a única proposta credível – a fraternidade se o é só tem um caminho válido: o da aceitação e perdão mútuos, o do acolhimento sem condições nem reservas.

8. Sinto, porém, uma falha nesta parábola de Jesus. Não direi que o que direi acresça algo à dita, apenas que, à luz dos tempos nossos, a meu ver, ela poderia contemplar uma adenda que permita introduzir uma quarta personagem, de preferência, feminina. É óbvio que o Bom Pai está mal servido de filhos, ambos homens, que nem irmãos são! São filhos, sim, mas apostam em ser bem menos que isso. São filhos do mesmo pai, logo irmãos; mas nem um, ao partir, se despede do mais velho, nem o que fica em casa acolhe o que regressa. Jamais existe, entre um e o outro, um luminoso raio de calor humano ou de ternura fraterna. Jamais. Nenhum se condói do outro, que se algum coração sangra, por um ou pelo outro, é o do pobre pai. O que entre ambos há é um frio muro de indiferença e rancor, que o único de carne é o do pai.

9. Não sou quem para o dizer ou propor, mas há, notoriamente, uma ausência na parábola: falta ali um terceiro filho. Fora eu e colmataria a falha com uma filha. Falta ali a voz de uma menina de papá, que lhe diga:

– Papá, como sofro quando sofres, como estou feliz vendo-te feliz! Como sou feliz a teu lado! Como me fizeste feliz abrindo os braços para receber a meu irmão esbanjador! Como me fazes feliz, papá, com o beijo que deste a meu irmão! Nem imaginas a alegria que me deste! Como gosto de ser tua filha e de te ter por papá, tu, o melhor de todos!

Deus merece filhos assim, e quem dera os tenha. Ao menos um. Não, não digo que existam filhos perfeitos.

Digo que o Bom Pai bem merece filhos doces e ternos; daqueles que se lhe enroscam ao pescoço para O cobrir e afogar de beijos e carícias. Digo que merece filhos – mas de preferência, uma menina – de coração puro, terno, doce, dócil. Um coração manso que não se envinagra, um coração santo que não se perturba nem se envenena com conversas, nem se exalta com canções de bandidos. Deus bem merece uma menina que O ame sobre todas as coisas; uma que se chame, sei lá, Bia, de Beatitude. Uma Bia que lhe frague a mágoa do coração, que à noite, depois da ceia, lhe cante canções para lhe descansar os olhos e a alma.

Sim, falta ali uma menina que diga:

– Papá, nada mais importa senão meu irmão a salvo! Que bom que tenha voltado para nós! Fica feliz comigo, como eu o estou contigo! Meu irmão merece, porque tu mereces, a grande festa que lhe preparaste! Como eu me alegro com isso! Vamos fazer festa que eu bailarei para ele e com ele! Aceita, por isso, que reparta com ele metade da minha herança. Se ele não o merecer, mereces tu, que tu bem mereces um filho de pleno direito, pleno de direitos, e feliz por estar de novo nesta nobre casa! Tu mereces um filho nobre e, repartindo, eu não fico mais pobre! Não me digas que não, papá, que eu quero repartir com meu irmão mais novo pela metade do que é meu!

Digam-me lá se a parábola não merece uma personagem assim. E se não a parábola, o pai. Sim, merece. Merece uma menina que, não se calando, de novo volta:

– E agora, papá, confio-te que também meu coração se condói ao ver que o nosso irmão mais velho não quer fazer festa, que não comunga contigo, nem comigo, nem com meu irmão que regressou. Tenho pena desse coração mirrado e ciumento, tal como tenho pena de ti e do pródigo. Sem ele na sala, junto de nós, sentado à tua mesa, frente a frente ao pródigo, a festa não estará completa. Se o seu coração continuar magoado e desconfiado, se se mantiver rancoroso e de sobranceiras franzidas, a festa sê-lo-á, mas aguada. Por isso, papá, permite-me que lhe fale, que lhe toque o coração, que o desperte e o traga para a vida, reconciliado com nosso irmão e contigo. Sim, papá, irei buscá-lo, irei beijá-lo com a ternura de meu coração que é o teu! Dir-lhe-ei palavras que o tragam para a festa e que com ele também dançarei, que para o seu olhar encantador bailarei, que com ele também farei festa! Hoje, papá, é dia de festa para o teu coração que mora e vive em nossos corações! Quero ver-te chorar de alegria completa quando os quatro nos abraçarmos no meio da sala, ao compasso da música, como se fôramos um só!

E sem se deter:

– Aceita, papá, todo o meu amor por ti, toda a minha ternura por ti, que a que tenho por ti é toda que tenho, a mesma que tu tens pelos meus dois irmãos e por mim! Aceita-me assim, papá, que eu sou feliz por ser tua filha, por estar sempre a teu lado, sentar-me do lado do teu coração à tua mesa! Como sou feliz, papá, a teu lado! Por te acompanhar quando colhes flores, sementes ou ceifas os nossos campos. Como sou feliz contigo, papá! Como sou feliz! Estar contigo é já ter o céu na terra! Obrigada, papá!



Exposição a Festa da Vida

Abriu ao público, no dia 20 de março, uma exposição de pintura intitulada *A Festa da Vida* da autoria de Isaura Xavier de Campos. As obras encontram-se expostas na ante-sacristia da igreja do Carmo, em Braga.

Pintora há quase cinquenta anos a artista pinta como forma de oração. Tendo lido o livro *O Resgate de Frei João d'Ascensão*, decidiu oferecer-lhe este óbolo como forma de agradecimento.

A Comunidade do Carmo convida a visitar a exposição que se manterá patente até dia 17 de julho.

ISAURA XAVIER DE CAMPOS

(1947 –)

- Vive e pinta em Ermesinde.
- Ao não poder formar-se em Belas Artes licenciou-se em Filologia Germânica, dedicando-se depois ao ensino da Língua Inglesa por 35 anos.
- Começou a pintar aos 30 anos com os mestres Maria Antónia Portto e Rui Alberto.
- Expõe desde há 43 anos, tanto em individuais como colectivas, dentro e fora do país.
- Pinta como forma de oração e por nestes tempos tão escuros tem coisas belas e esperançosas para dizer aos corações aflitos.
- Pintará até que a voz lhe doa.